

Resenha do Livro: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Edição.
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

João Bosco Alves de Amorim¹

Celia Maria Nunes²

O livro *Pedagogia do Oprimido* foi editado pela Paz e Terra, do Rio de Janeiro, aqui no Brasil, somente em 1976, pela censura imposta pelos militares. Sua primeira publicação foi em 1968, grande parte dele foi escrito em Santiago, no Chile, nos 05 anos que Paulo Freire ali viveu, exilado, sendo finalizado e publicado nos Estados Unidos. Trata-se da obra mais conhecida, senão a mais importante, de autoria do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Esta obra é considerada um dos maiores clássicos da Ciências Humanas e Sociais atuais, notadamente no campo da Educação ou da Pedagogia. Costuma-se reconhecer que a obra que buscamos resenhar é a terceira publicação de maior número de citações, no campo da Ciências Humanas e Sociais, no mundo todo, ultrapassando índices de textos clássicos de autores universalmente consagrados como Sigmund Freud (1856-1939) e Karl Marx (1818-1883). Paulo Freire tornou-se o mais importante educador contemporâneo, sem sombra de dúvidas, e provavelmente alcançou a estatura de ser considerado um dos grandes intelectuais da Ciências Humanas e Sociais contemporâneas, atuando no campo da Educação e da Cultura.

A trajetória de vida e de atuação educacional e social de Paulo Freire é conhecida por muitos, notadamente nesse ano em que se celebra, no mundo todo e, em especial, no Brasil, o centenário de seu nascimento, ocorrido em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, no bairro Casa Amarela. Nascido numa família urbana de classe média, educou-se numa escola particular com uma bolsa de estudos solicitada por sua mãe. Mais tarde trabalharia na mesma escola em que estudou, exercendo a função e o ofício de auxiliar da disciplina e posteriormente professor de língua portuguesa por mais de 10 anos. Aos 26 anos tornou-se bacharel em Direito pela Universidade do Recife, mas não seguiu a profissão, mantendo-se como professor de Língua Portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz, no qual tinha estudado. Apresentou-se à Escola de Belas Artes da Universidade do Recife pleiteando a função de professor, sendo aprovado. Ali exerce a profissão de professor, primeiramente de Filosofia da Educação e, um pouco depois, leciona História da Educação, vindo a obter o doutorado e, na sequência, a livre-docência nestas áreas. Paulo Freire

¹ Professor da Rede Municipal de Educação de São Paulo, Mestre em Educação pela UNICAMP Doutorando em Educação pela FE/UNICAMP, membro do INPPDH, pesquisador do Grupo PAIDEIA. Contato: joaboscoamorim@hotmail.com

² Professora da Rede Municipal de Educação de São Paulo, Mestre em Educação pela FE/UNICAMP, pesquisadora do Grupo de Estudos ABRADES. Contato: cemanunes@hotmail.com

recebeu, depois de sua notoriedade, 45 títulos de Doutor Honoris Causa, nas mais destacadas universidades do Brasil e do mundo (Bolonha, Harvard, Coimbra, Salamanca, Moscou, Oxford, Cambridge, entre outras), sendo homenageado com diversos prêmios internacionais em vida e, depois de sua morte, proclamado como Patrono Da Educação Brasileira, em 2012. No entanto, é importante frisar, Paulo Freire galgou os caminhos da docência e da pesquisa, conhecendo e atuando nas salas de aulas das escolas do Brasil, num longo e amadurecido processo de formação continuada, no Nordeste que tanto amava. É dele a feliz expressão: - *conhecer o chão da escola* – e ele comprovadamente conheceu e atuou nesse chão, real e efetivo, para buscar sua transformação e mudança.

Paulo Freire foi muito influenciado por sua primeira esposa, Elza Freire, que era pedagoga e se conheceram na Universidade, mas sua vida de educador tem dinâmica própria, nessa trilha ele acaba por envolver-se plenamente com a prática educacional, diante dos desafios que o Brasil passava naquela década, notadamente na assimilação da consciência da necessidade de uma política pública de erradicação do analfabetismo, que mantinha índices vergonhosos e alarmantes de natureza histórica e política. O Brasil todo, nos anos 1950 e 1960, vivenciava um *interregno* democrático-populista aliado ao sonho nacional de produzir um rápido e vertiginoso desenvolvimento urbano-industrial. Havia até mesmo um lema de um dos presidentes populistas que o Brasil elegeu nesse período que afirmava poder efetuar a façanha de gerar as condições econômicas de crescer *50 anos em 5 anos*. O combate ao analfabetismo era o maior desafio.

Muitos intelectuais e artistas destacados alertavam, na conjuntura, que não era possível garantir o desenvolvimento econômico-industrial do país, sem uma consequente democratização da educação e da escola brasileira, quase sempre reservada às camadas abastadas e aos estamentos aristocráticos dominantes, na trajetória histórica e política do país. Não há como desenvolver uma economia democrática e inclusiva sem uma universalização da educação e da escola. Nesse sentido, muitos movimentos de educação aconteciam no país, naquela conjuntura, todos inspirados na busca de redimir a suposta e desastrosa situação do analfabetismo das camadas populares, apresentando práticas e concepções redentoras e algumas, propositivas.

Paulo Freire trabalhou no SESI PE, na Divisão de Cultura, e ali foi agente cultural e depois superintendente dessa instituição, por longos anos. Nessa condição atuou junto ao Governo de Pernambuco, Miguel Arraes, na proposição de mediações e de projetos que viessem a atingir nuclearmente a superação do analfabetismo nacional. Mas foi em Angicos, no Rio Grande do Norte, que Paulo Freire coordenou uma experiência de alfabetização de adultos que se transformou numa façanha internacional, pelo fato de alfabetizar em 40 dias 300 trabalhadores rurais. Nessa experiência paradigmática Paulo Freire criaria originalmente uma nova forma de compreender a alfabetização de adultos, inovando no campo didático e na concepção de educação, isto é, compreendendo a educação como processo de formação

humana, como uma ontologia social, como disposição antropológica, como processo de *hominização*, e não como treinamento preparatório para o trabalho ou como prática de subordinação ao *status quo*, injusto e desigual, da sociedade e da economia do Brasil. O educador Paulo Freire portanto, acabou tornando-se original e criativo, ao propor uma educação capaz de dar conta da formação humana e da dimensão integradora da própria vida. Sua atuação questiona a pedagogia tradicional, a concepção tradicional de escola, a visão e a prática da avaliação, na maioria das vezes, autoritária e meritocrática, questiona a ideologia dos métodos da escola tradicional, seletivos, meritocráticos e emulativos.

Paulo Freire propõe uma nova forma de compreender a educação, a escola, a vida, a cultura e, por conseguinte, a alfabetização de adultos. E, sua premissa é que a educação deveria ser uma *leitura do mundo*, antes da leitura da palavra, isto é, um processo de tomada de consciência da beleza e da originalidade da vida, de todos os sujeitos, de todas as pessoas, da dignidade dos valores da realidade social dos oprimidos, para depois, dentro dessa prática transformadora, buscar compreender a prática educacional e escolar. A experiência de Angicos RN projetaria Paulo Freire para o mundo inteiro. Na sequência ele foi chamado a contribuir com o governo Miguel Arraes e, no conjunto daquela década, receberia o convite para atuar no Ministério da Educação de João Goulart, no desenvolvimento dos primeiros anos da década de 1960. O processo de intervenção educacional e cultural de Paulo Freire sempre foi questionado, pelos blocos conservadores e tradicionalistas do Brasil, com as mesmas requentadas críticas, odiosas e de má-fé, que temos vistorecentemente; de que era um projeto de natureza subversiva, com inspiração comunista, buscando destituir a realidade nacional, projetando revoltas e incitando rebeliões, muito próprio daquela conjuntura.

O pensamento de Paulo Freire é pluralista e diverso, formado por uma conjunção de autores e de influências que não se coadunam com essas acusações, extremamente artificiais e perversas. Depois dessa experiência, sobreveio o Golpe Militar- Empresarial de 1º de abril de 1964, de trágica e triste memória. Paulo Freire foi acusado de antipatriotismo, de anti-civismo e de subversão, sofreu diversas detenções e foi submetido a vergonhosos inquéritos militares no Recife, chegando mesmo a ser preso por 70 dias, junto com outros intelectuais, artistas e educadores. Nessa dramática experiência de violenta repressão Paulo Freire começou a sentir a dificuldade de continuar no Brasil, sobretudo temia por sua família. Foi chamado a depor no Rio de Janeiro, num outro inquérito militar. E, nessa ocasião, corajosamente aproveitaria essa condição para pedir asilo na embaixada da Bolívia e, de lá, seguir para o Chile, que vivia uma experiência democrática progressista e reunia a possibilidade de uma nova vida ou, pelo menos, de um acolhimento seguro, ainda que nas formas de exilado político. Em 1964 Paulo Freire foi para o Chile e lá encontraria um ambiente de cuidado e de acolhimento, além de estudos, particularmente das concepções marxistas sobre o mundo e a realidade. Ali Paulo Freire haveria de ampliar sua formação pluralista com a leitura dos textos de Marx e de outros autores marxistas, integrando os demais interlocutores

de seu criativo corolário.

Leitor de Emanuel Mounier, clássico do Personalismo Cristão, conhecedor da obra de Jean-Paul Sartre, do qual admirava o conceito de Liberdade, estudioso de Karl Jaspers, do hindu Tagore, da concepção de terceiro mundo, balizada em Herbert Marcuse e outros autores, no fervilhar da Teologia da Libertação, dos autores latino-americanos recuperados como uma forma da busca de uma identidade, reflete sobre Emanuel Levinas, estuda o conceito de Martin Buber e da Fenomenologia, aproxima-se do Existencialismo Cristão, tantas e férteis são as influências no pensamento de Freire nessa década de resistência e de enfrentamentos. Do Chile Paulo Freire foi convidado a lecionar em Harvard, nos Estados Unidos, ali permaneceu por um ano e redigiu a parte final da *Pedagogia do Oprimido*, publicada em 1968. Seu livro anterior, *Educação como Prática de Liberdade* (1967) tinha sido já um relativo sucesso, uma afirmação filosófica na democracia, nos ideais de igualdade e de superação das opressões. Ao escrever a *Pedagogia do Oprimido* (1968) Paulo Freire concluiria uma síntese basilar para nosso tempo e história.

O livro é produzido em 4 capítulos, muito bem definidos e rigorosamente explicitados formalmente. O primeiro capítulo é uma justificativa do título- *Pedagogia do Oprimido* - e trata-se de uma magistral reflexão sobre a condição dos oprimidos, historicamente categorizados. Nessa parte o autor tece uma criteriosa análise da experiência histórica da sociedade opressora, que separa e segrega privilégios de um lado e reserva violência e desumanização de outro. O mundo vivia o cenário dos anos 1960, um enfrentamento da Guerra Fria, que se seguiu à II Guerra Mundial, marcado por duas grandes disputas políticas e sociais. Paulo Freire faz uma opção extremamente clara e objetiva, seguida de uma corajosa disposição, a de contemplar a superação das condições de opressão, a partir da realidade da América Latina e das periferias do mundo. Aponta, como protagonistas históricos e políticos, os excluídos do mundo. Esse primeiro capítulo apresenta uma opção política, epistemológica e ética, pelos oprimidos. Na verdade, Paulo Freire explica que não trabalha de maneira abstrata uma *pedagogia da opressão* nem cogita uma *pedagogia do opressor*, mas sim que, numa sociedade que não permite neutralidade, propõe uma *pedagogia do oprimido*, um processo de conscientização, de tomada de consciência e de esclarecimento político daqueles que estão subjugados, para empreender com eles a emancipação e a libertação. Paulo Freire, ao final deste capítulo, apresenta a perspectiva da Educação e da Pedagogia, como uma opção metodológica de ação e de intervenção cultural na realidade. Ao propor uma pedagogia dos excluídos, a partir do conceito de autoria dos movimentos sociais de base ou de infraestrutura, apresenta a possibilidade de reconhecer uma ética de superação da sociedade desigual e das condições de opressão, acentuando a cultura e a condição dos excluídos, dos esfarrapados e dos oprimidos. Essa opção, clara e definitiva, é a grande realidade da obra, ao escrever sobre a Pedagogia Paulo Freire fundamenta que ela se integra à Antropologia, pois educar é formar ou produzir o homem para a vida em sociedade; educar é *hominizar* o homem e *humanizar*

o mundo. A Ética é uma dimensão da prática educativa, e ambas produzem a pedagogia da superação da opressão.

O segundo capítulo trabalha a concepção de *educação bancária* e sua finalidade alienante e opressora. Paulo Freire descreve, nessa parte de sua obra, a relação do opressor na tradição desumanizadora e alienante, imprimindo na educação uma prática autoritária, concebida como natural ou hierárquica, de cima para baixo, considerando o educando, notadamente os oprimidos, como objetos, como meros *depósitos de dados*, negando-lhes a autoria, a liberdade de ser e de existir, a possibilidade da dialogicidade. Destaca que a educação bancária é a forma de exercício do poder opressor, trata-se de um exercício de morte e de desumanização. Interagir, dialogar e conviver, essa é a potencialidade histórica da existência humana.

No terceiro capítulo Paulo Freire aponta o conceito de *dialogicidade* como fundamento essencial da relação entre os seres humanos e, particularmente, entre educadores e educandos. O conceito de *diálogo* é tomado como base da relação humana e da relação pedagógica, trata-se de um dos fundamentos da Pedagogia do Oprimido. Alguns autores, como Polli (2018) e Nunes (2019), afirmam que a *relação dialógica* de Paulo Freire antecede e, ao mesmo tempo, integra ou articula, o conceito de *razão comunicativa* de Habermas. A categoria antropológica e pedagógica da dialogicidade é a base da educação, é o fundamento da prática libertadora. A mediação do diálogo é o amor e, para Paulo Freire, e o amor, aqui projetado, aparece como uma condição, um construto axiológico, que se põe na relação entre professores e educandos. Na apresentação do livro FIORI (1987) assim expressa:

A consciência e o mundo não se estruturam sincronicamente numa estática consciência do mundo: visão e espetáculo. Essa estrutura funcionaliza-se diacronicamente numa história. A consciência humana busca comensurar-se a si mesma num movimento que transgride, continuamente, todos os seus limites. Totalizando-se além de si mesma, nunca chega a totalizar-se inteiramente, pois sempre se transcende a si mesma. Não é a consciência vazia do mundo que se dinamiza, nem o mundo é simples projeção do movimento que a constitui como consciência humana. A consciência é consciência do mundo: o mundo e a consciência, juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história. Em outros termos: objetivar o mundo é historicizá-lo, humanizá-lo. Então, o mundo da consciência não é criação, mas sim, elaboração humana. Esse mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho. (FREIRE, 1987, p.09)

O quarto capítulo é uma crítica radical à *relação antidialógica*, que é a relação de poder, que configura a relação autoritária, que se estabelece de cima para baixo, com a finalidade de oprimir. Paulo Freire questiona a indústria cultural, a introjeção dos valores dos opressores na vida e na consciência dos oprimidos, contesta a ideologia da manipulação das massas e de todas as formas de desumanização. A exclusão social e cultural, a repressão e a degradação dos valores da condição humana seguem essa crítica.

Nesse livro Paulo Freire apresenta alguns conceitos fundamentais de sua teoria

como a categoria de *inédito viável*, a concepção de *razão dialógica* e de *educação bancária*. Igualmente amplia a concepção de *temas-geradores*, explora mais amplamente a *educação problematizadora*, destaca o educando como *sujeito de seu aprender* e que educadores igualmente aprendem, mediatizados pelo mundo e pelas relações sociais. Em toda a obra prevalece a tese do excluído como sujeito da história. Tanto a apresentação do livro, escrita pelo professor Ernani Maria Fiori, quanto à própria iniciação do texto de Paulo Freire, nos encantam e sensibilizam, passados mais de 50 anos desta obra. E é fundamental retomar texto que diz: (...) *se nada ficar destas páginas, algo pelo menos, esperamos que permaneça, nossa confiança no povo, nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar!*" (FREIRE, 1987, p. 15)

Um trecho memorável, no frontispício da autoapresentação do livro, Paulo Freire expressa um anelo paradigmático: (...) *aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.*" (FREIRE, 1987, p.12). Diante desse livro revitalizamos as esperanças de realizar a produção coletiva de um projeto de sociedade, de cultura, de educação e de escola centrados na perspectiva da Humanização, na conceituação da Educação como Direito e do Direito à Educação, tal como a trajetória histórica das duas décadas iniciais desse milênio lograram contrapor, nas políticas públicas educacionais brasileiras. Paulo Freire continua a ser horizonte de inspiração e trilha teórico-política de referência.

No centenário de seu nascimento dedicamos essa resenha ao educador que reunia as grandezas do conhecimento com a humanidade de sua existência, apontando sempre a necessidade de superar as condições de opressão e de aprender com os oprimidos a possibilidade de uma convivência na qual caibam todos e todas.

São Paulo, Setembro de 2021

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NUNES, Cesar. **Apontamentos para a produção social de uma Filosofia e de uma Pedagogia dos Direitos Humanos na Educação Brasileira**. Campinas: Publicações Paideia, Faculdade de Educação UNICAMP, 2019.

POLLI, José Renato. **Ética e Educação: um diálogo entre o pensamento de Paulo Freire e Jurgen Habermas**. Campinas: Revista de Filosofia e Educação RFE/PAIDEIA/UNICAMP, v.10, Nº 01, 2018.